

UMA AVENTURA DE MYRON BOLITAR

MAIS DE 75 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO



O PREÇO DA VITÓRIA

HARLAN

COBEN

Que riscos você correria
para realizar seu maior sonho?



ARQUEIRO

O PREÇO DA VITÓRIA

Título original: *Back Spin*

Copyright © 1997 por Harlan Coben

Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Luciano Vieira

preparo de originais: Gabriel Machado

revisão: Ana Lúcia Machado e Hermínia Totti

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Elmo Rosa

impressão e acabamento: Bartira Gráfica

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C586p Coben, Harlan
O preço da vitória / Harlan Coben ; [tradução Luciano Vieira]. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2021.
256 p. ; 23 cm. (Myron Bolitar ; 4)

Tradução de: Back spin
ISBN 978-65-5565-179-9

1. Ficção americana. I. Vieira, Luciano. II. Título. III. Série.

21-70840

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para os Armstrong,
os melhores parentes do mundo.
Jack e Nancy,
Molly, Jane, Eliza, Sara, John e Kate,
obrigado a todos por Anne.*

capítulo 1

MYRON BOLITAR USAVA um periscópio de papelão para olhar por cima do aglomerado de espectadores com roupas ridículas. Ele tentou se lembrar da última vez que usara um periscópio de brinquedo, e surgiu em sua mente uma imagem daqueles cupons de promoção que vêm em caixas de cereal.

Pelo jogo de espelhos, Myron observou um homem de calças curtas, na altura dos joelhos, parado perto de uma minúscula esfera branca. Um murmúrio alvoroçado percorreu os espectadores. Myron conteve um bocejo. O homem se inclinou. Os espectadores se acotovelavam para assistir melhor e, então, caíram numa mudez reverente. Seguiu-se um silêncio sepulcral, como se as árvores, os arbustos e o gramado prendessem a respiração.

O homem golpeou a esfera branca com um bastão.

A multidão começou a murmurar de forma incompreensível. Enquanto a bola subia, os murmúrios ficavam mais altos. Era possível entender algumas palavras e, depois, algumas frases: “Que tacada de golfe maravilhosa!”, “Que supertacada de golfe!”, “Que bela tacada de golfe!”, “Uma tacada de golfe realmente impecável!”. Eles sempre diziam tacada *de golfe*, como se alguém pudesse confundir com uma tacada de *beisebol* ou uma tacada de *hóquei*.

– Sr. Bolitar?

Myron tirou os olhos do periscópio. Ele se sentiu tentado a gritar “Periscópio levantado!”, mas tinha receio de que alguns pomposos e arrogantes sócios do Merion Golf Club considerassem uma infantilidade. Principalmente durante o Aberto dos Estados Unidos. Ele se virou para um homem de rosto avermelhado de uns 70 anos.

– Sua calça – disse Myron.

– Perdão?

– Você está com medo de ser atingido pelo carrinho de golfe?

A calça era laranja e amarela, num tom ligeiramente mais ofuscante que a explosão de uma supernova. Para falar a verdade, a roupa do homem mal se destacava em meio às outras. A maioria das pessoas ali parecia ter acordado pensando que roupa poderia usar para destoar do, digamos, mundo natural. Muitas usavam tons de laranja e verde que são vistos apenas nos letreiros de neon mais cafonas. Amarelo e alguns estranhos matizes de púrpura também sobressaíam – em geral juntos –, uma combinação de cores que seria rejeitada até por uma equipe de líderes de torcida de uma escola do ensino médio do

Meio-Oeste. Era como se fizessem o máximo para competir com a beleza natural que os rodeava. Ou talvez fosse outra coisa. Quem sabe as roupas horrendas tinham uma origem mais funcional. Talvez nos velhos tempos, quando os animais vagavam livres, os golfistas se vestissem daquela maneira para se proteger das feras ameaçadoras. Boa teoria.

– Preciso falar com você – sussurrou o senhor. – É urgente.

Seus olhos suplicantes não se encaixavam no rosto arredondado e jovial. De repente ele agarrou o braço de Myron.

– Por favor – acrescentou.

– Do que se trata? – perguntou Myron.

O homem mexeu o pescoço como se o colarinho estivesse apertado demais.

– Você é agente esportivo, certo?

– Sim.

– E está aqui em busca de clientes?

Myron estreitou os olhos.

– Como sabe que não estou aqui para assistir ao fascinante espetáculo dos marmanjos passeando?

O velho não sorriu, mas os golfistas não são mesmo conhecidos por seu senso de humor. Ele esticou o pescoço novamente com desconforto e se aproximou. Seu sussurro foi áspero.

– Já ouviu falar em Jack Coldren? – perguntou.

– Claro – respondeu Myron.

Se o velho tivesse feito essa pergunta no dia anterior, Myron não teria a mínima ideia de quem se tratava. Ele não entendia nada de golfe e Jack Coldren não passara de um atleta medíocre nos últimos vinte anos. Mas, surpreendentemente, havia despontado em primeiro lugar já no primeiro dia do Aberto dos Estados Unidos, e agora, faltando apenas poucos buracos na segunda rodada, estava oito tacadas à frente.

– O que tem ele?

– E Linda Coldren? – perguntou o homem. – Sabe quem é?

Essa era mais fácil. Linda Coldren era a esposa de Jack e, de longe, a melhor golfista da última década.

– Sim – disse Myron.

O homem inclinou-se para ele e mexeu o pescoço novamente. Um tique muito irritante – para não dizer contagioso. Myron teve que se esforçar para não imitá-lo.

– Eles estão com um problema sério – sussurrou o velho. – Se você os ajudar, terá dois novos clientes.

– Que tipo de problema?

O velho olhou em volta.

– Por favor. Aqui tem gente demais. Venha comigo.

Myron deu de ombros. Não havia motivo para não ir. O velho tinha sido o único contato que ele descolara desde que seu amigo e sócio Windsor Horne Lockwood III – vulgo Win – o arrastara até ali. Como o Aberto dos Estados Unidos era no Merion – o campo de golfe preferido da família Lockwood havia cerca de um bilhão de anos –, Win achou que podia ser uma grande oportunidade para Myron pescar alguns clientes de primeira. Myron não tinha muita certeza disso. Pelo que sabia, o fator que mais o distanciava da multidão de agentes esportivos que infestava o verdejante gramado do Merion Golf Club era sua clara aversão ao golfe. E isso provavelmente não lhe dava nenhuma vantagem em relação aos fanáticos.

Myron Bolitar dirigia a MB Representações Esportivas, uma agência de atletas localizada na Park Avenue, em Nova York. Ele alugou o espaço de um ex-colega de faculdade, Win, herdeiro de uma fortuna e consultor de altíssimo nível da Lock-Horne Seguros e Investimentos, pertencente a sua família e sediada na mesma Park Avenue. Myron cuidava das negociações e Win, um dos mais respeitados corretores de seguros do país, cuidava dos investimentos e das finanças. O outro membro da equipe, Esperanza Diaz, cuidava do restante. Três poderes equilibrados. Exatamente como o governo americano. Muito patriótico.

Slogan: *MB Representações Esportivas – os outros não passam de comunas.*

Enquanto o velho o conduzia pela multidão, vários homens com blazers verdes – outra roupa bastante comum em campos de golfe, talvez para se camuflar na grama – cumprimentavam-no: “Como vai, Bucky?” ou “Você está ótimo, Buckster” ou “Belo dia para jogar golfe, Buckaroo”. Todos tinham sotaque de gente rica, que havia estudado nas melhores escolas. Myron ia fazer um comentário sobre o fato de um marmanjo ser chamado de Bucky, mas quando seu nome é Myron...

Como em todos os eventos esportivos ao ar livre, o campo parecia mais um festival de outdoors do que uma área de competição. O outdoor de maior destaque era o da IBM. A Canon distribuía os periscópios. Empregados da American Airlines trabalhavam nas tendas de comida (uma companhia aérea servindo comida... que sabichões tiveram essa ideia brilhante?). A ala dos patrocinadores estava apinhada de empresas que desembolsavam mais de cem mil dólares cada para armar uma tenda por alguns dias, assim seus executivos tinham uma desculpa para comparecer ao torneio. Travelers Group, Mass Mutual, Aetna, Canon, Heublein. O que era essa Heublein? Parecia uma boa empresa. Talvez Myron comprasse um Heublein se soubesse o que era.

O engraçado era que o Aberto dos Estados Unidos era menos explorado comercialmente que a maioria dos torneios. Pelo menos eles ainda não tinham vendido seu nome. Outros torneios recebiam os nomes dos patrocinadores, que soavam meio bobos. Quem iria se animar para ganhar o Aberto JC Penney ou o Aberto Michelob ou o Desafio Wendy's Three-Tour?

O velho o levou a um estacionamento de primeira classe. Mercedes, caddies, limusines. Myron avistou o Jaguar de Win. Havia pouco tempo a Associação Americana de Golfe colocara uma placa escrita ESTACIONAMENTO EXCLUSIVO PARA SÓCIOS.

– Você é sócio do Merion – disse Myron. Brilhante dedução.

O velho transformou o tique do pescoço em algo semelhante a um sinal de assentimento.

– Minha família remonta à época da fundação do clube – disse ele, o sotaque arrogante agora ainda mais acentuado. – Assim como seu amigo Win.

Myron parou e olhou para o homem.

– Você conhece Win?

O velho deu um meio sorriso e encolheu os ombros, sem querer se comprometer.

– Você ainda não me disse seu nome – lembrou Myron.

– Stone Buckwell – respondeu ele, a mão estendida. – Todo mundo me chama de Bucky.

Myron apertou a mão dele.

– Eu também sou pai de Linda Coldren – acrescentou ele.

Bucky destravou as portas do Cadillac azul-celeste e os dois entraram. O velho deu a partida. O rádio tocava uma terrível versão instrumental de “Raindrops Keep Falling on My Head”. Myron logo tratou de abrir a janela para ventilar e para livrar-se um pouco do barulho.

Como só os sócios podiam estacionar no Merion, não houve problema em conseguir sair. Eles dobraram à direita no final do acesso ao estacionamento, depois novamente à direita. Bucky fez a gentileza de desligar o rádio. Myron colocou a cabeça de novo para dentro do carro.

– O que você sabe sobre minha filha e o marido dela? – perguntou Bucky.

– Não muito.

– Você não é fã de golfe, não é, Sr. Bolitar?

– Na verdade, não.

– O golfe é um esporte realmente magnífico – disse ele. – Embora a palavra *esporte* não lhe faça justiça.

– Ahã – fez Myron.

– É o jogo dos príncipes. – O rosto de Buckwell ficou ainda mais vermelho, os olhos esbugalhados com um êxtase típico dos fanáticos religiosos. Sua voz era baixa e reverente. – Não existe nada como o golfe, sabe? Você sozinho contra o campo. Sem desculpas. Sem equipe. Sem erros de arbitragem. É a atividade mais pura.

– Ahã – repetiu Myron. – Escute, não quero parecer grosseiro, Sr. Buckwell, mas o que significa tudo isso?

– Por favor, me chame de Bucky.

– Tudo bem. Bucky.

Ele assentiu aprovando.

– Pelo que sei, você e Windsor Lockwood são mais do que meros sócios – disse ele.

– E isso significa...

– Pelo que sei, faz tempo que vocês se conhecem. Foram colegas de faculdade, não é?

– Por que você continua fazendo perguntas sobre Win?

– Na verdade, vim ao clube para encontrá-lo – respondeu Bucky. – Mas acho que dessa maneira é melhor.

– Que maneira?

– Falar com você primeiro. Talvez depois... Bem, vamos ver. Não devo ter muitas esperanças.

Myron balançou a cabeça.

– Não tenho ideia do que você está falando.

Bucky entrou numa via adjacente ao campo de golfe, a Golf House Road. Os golfistas são muito criativos.

O campo ficava à direita, as mansões imponentes à esquerda. Um minuto depois, Bucky chegou a uma entrada de carros circular. A casa era razoavelmente grande e tinha fachada de seixo. Esse material era muito apreciado naquela região, e Win sempre se referia a ele como “pedra dos ricos”. Havia uma cerca branca, muitas tulipas e dois bordos, um de cada lado da entrada, além de uma ampla varanda no lado direito. O carro parou, e por um instante nenhum dos dois se mexeu.

– O que significa tudo isso, Sr. Buckwell?

– Temos um problema – respondeu ele.

– Que tipo de problema?

– Acho melhor deixar que minha filha lhe explique.

Ele tirou a chave da ignição e estendeu a mão para a porta.

– Por que você me procurou? – perguntou Myron.

– Disseram que talvez você possa ajudar.

– Quem disse isso?

Buckwell se pôs a mexer o pescoço com mais fervor. Sua cabeça parecia frouxa. Quando finalmente recuperou o controle, ele conseguiu olhar nos olhos de Myron.

– A mãe de Win.

O corpo de Myron se retesou. Seu coração parou. Ele abriu a boca, fechou, esperou. Buckwell saiu do carro e dirigiu-se à porta. Dez segundos depois, Myron foi atrás dele.

– Win não vai ajudar – disse Myron.

Buckwell assentiu.

– Foi por isso que procurei você primeiro.

Eles seguiram por um caminho de tijolos em direção a uma porta entreaberta. Buckwell a abriu.

– Linda?

Linda Coldren estava numa salinha vendo televisão. O short branco e a camiseta amarela revelavam membros graciosos de atleta. Ela era alta, tinha cabelos pretos com corte moderno e um bronzado que realçava seus músculos definidos. Os vincos em torno dos olhos e da boca indicavam que já se aproximava dos 40 anos, e ele logo percebeu por que ela era a queridinha dos publicitários. Havia um esplendor feroz naquela mulher, uma beleza ligada mais à força do que à delicadeza.

Ela estava assistindo ao torneio. Acima da televisão, havia porta-retratos com fotos da família. A um canto, sofás amplos estavam dispostos em forma de V. Decoração refinada para a casa de uma golfista. Nenhum tapete imitando o gramado de um campo de golfe. Nenhuma daquelas ilustrações de golfe que parecem estar um degrau abaixo da estética de, digamos, pinturas de cachorros jogando pôquer. Nenhum boné com a imagem de um *tee* e uma bola pendurado na cabeça empalhada de um alce.

Linda de repente voltou-se para eles, fuzilou Myron com o olhar, depois encarou o pai.

– Achei que você ia trazer Jack – disse ela com rispidez.

– Ele ainda não terminou a rodada.

Ela gesticulou em direção à televisão.

– Ele está no décimo oitavo buraco agora. Achei que você fosse esperar.

– Em vez disso, eu trouxe o Sr. Bolitar.

– Quem?

Myron deu um passo à frente e sorriu.

– Eu sou Myron Bolitar.

Linda lançou-lhe um olhar furtivo, depois encarou novamente o pai.

– Quem é esse cara?

– Ele foi recomendado por Cissy – respondeu Buckwell.

– Quem é Cissy? – perguntou Myron.

– A mãe de Win.

– Ah. Certo. Não o quero aqui. Livre-se dele – ordenou Linda.

– Linda, ouça. Precisamos de ajuda.

– Mas não dele.

– Ele e Win têm experiência com esse tipo de coisa.

– Win... – disse ela devagar – é psicótico.

– Ah – interpelou Myron. – Então quer dizer que você conhece bem o meu velho amigo?

Linda finalmente voltou a atenção para Myron. Seus olhos, azuis e intensos, se encontraram com os dele.

– Não falo com Win desde que ele tinha 8 anos. Mas você não precisa pular num buraco em chamas para saber que é quente.

Myron assentiu.

– Bela analogia.

Ela balançou a cabeça e olhou novamente para o pai.

– Eu já disse: nada de polícia. Vamos fazer o que eles mandarem.

– Mas ele não é policial – disse o pai.

– E você não devia contar a ninguém.

– Eu só contei para minha irmã – protestou Bucky. – Ela prometeu que não vai abrir a boca.

Myron se retesou mais uma vez.

– Espere um pouco – disse ele a Bucky. – Sua irmã é a mãe de Win?

– Sim.

– Você é tio de Win. – Ele olhou para Linda. – E você é prima de Win em primeiro grau.

Linda encarou Myron como se ele tivesse acabado de mijar no assoalho.

– Com uma inteligência dessa, fico feliz que esteja do nosso lado.

Todo mundo dá uma de sabichão.

– Se a coisa ainda não ficou clara, Sr. Bolitar, eu posso arranjar uma folha de papel grande e traçar uma árvore genealógica para você.

– Você pode usar muitas cores bonitas? – disse Myron. – Adoro cores bonitas.

Linda fez uma careta e lhe deu as costas. Na televisão, Jack Coldren preparava-se para dar uma tacada leve, a uma distância de três metros e meio do

buraco. Linda parou e se pôs a observar. Ele bateu e a bola descreveu um arco no ar, indo cair direto no buraco. O público aplaudiu com entusiasmo contido. Jack pegou a bola com dois dedos e tocou a aba de seu chapéu. O placar da IBM apareceu na tela. Jack Coldren estava com a extraordinária vantagem de nove tacadas.

Linda balançou a cabeça.

– Coitado.

Myron e Bucky ficaram calados.

– Ele esperou 23 anos por esse momento – continuou ela. – E agora ele consegue.

Myron olhou de relance para Bucky, que fez o mesmo, meneando a cabeça.

Linda não tirou os olhos da televisão até o marido sair para a sede do clube. Então inspirou fundo e encarou Myron.

– Sabe, Sr. Bolitar, Jack nunca venceu um torneio profissional. O mais perto que chegou disso foi em sua estreia, há 23 anos, quando tinha apenas 19 anos. Foi a última vez que o Aberto dos Estados Unidos foi disputado no Merion. Você deve se lembrar das manchetes.

Elas não lhe eram totalmente desconhecidas. Os jornais daquela manhã haviam feito um retrospecto do caso.

– Ele estava na liderança e perdeu, não foi?

Linda Coldren fez um som de escárnio.

– Não foi exatamente isso, mas sim. Desde então, sua carreira foi absolutamente medíocre. Houve anos em que ele nem chegou a se classificar para o torneio profissional.

– Ele levou um tempão para acabar com a maré de azar e chegar lá – disse Myron. – O Aberto dos Estados Unidos.

Ela lhe deu um olhar divertido e cruzou os braços sob o peito.

– Seu nome me é familiar – disse ela. – Você jogava basquete, não é?

– Sim.

– Na Universidade da Carolina do Norte?

– Duke – corrigiu ele.

– Certo, Duke. Agora estou me lembrando. Você teve uma lesão no joelho depois das eliminatórias.

Myron assentiu lentamente.

– Isso foi o fim de sua carreira, certo?

Myron concordou de novo.

– Deve ter sido duro.

Myron não disse nada.

Ela fez um rápido aceno com a mão.

– O que aconteceu com você não é nada comparado ao que aconteceu a Jack.

– Por que diz isso?

– Você sofreu uma contusão. Deve ter sido duro, mas no fim das contas não foi culpa sua. Jack tinha seis tacadas de vantagem no Aberto dos Estados Unidos, faltando apenas oito buracos. Você sabe o que isso significa? É como ter dez pontos de vantagem, faltando apenas um minuto para terminar a grande final da NBA. É como errar uma enterrada nos segundos finais e perder o campeonato. Jack nunca mais foi o mesmo depois disso. Ele nunca se recuperou. A partir daí, passou a vida inteira só esperando uma chance de se redimir. – Ela se voltou para a televisão. O placar estava de novo na tela. Jack continuava nove tacadas à frente.

– Se ele perder novamente...

Ela não se deu o trabalho de completar a frase. Todos ficaram em silêncio. Linda olhava para a televisão. Bucky esticou o pescoço, olhos úmidos, o rosto trêmulo à beira das lágrimas.

– Então, qual é o problema, Linda? – perguntou Myron.

– Nosso filho – disse ela. – Alguém sequestrou nosso filho.

capítulo 2

– **EU NÃO DEVIA ESTAR CONTANDO** isso para você – disse Linda. – Ele afirmou que o mataria.

– Quem afirmou?

Linda respirou fundo várias vezes, como uma criança num trampolim. Myron esperou. Levou algum tempo, mas ela finalmente mergulhou de cabeça.

– Recebi um telefonema esta manhã. – Seus olhos azuis se arregalaram, indo de um lado para outro, não se detendo em nada por mais de um segundo. – Um homem disse que estava com meu filho. Disse também que se eu chamasse a polícia, ele o mataria.

– Disse mais alguma coisa?

– Só que ligaria depois com instruções.

– Só isso?

Ela assentiu.

– A que horas foi isso?

– Nove, nove e meia.

Myron andou até a televisão e pegou um dos porta-retratos.

– Esta é uma foto recente de seu filho?

– Sim.

– Quantos anos ele tem?

– Dezesesseis. Ele se chama Chad.

Myron examinou a foto. O adolescente risonho tinha os traços do pai. Estava com um boné de beisebol com a pala levantada, como os garotos hoje em dia costumam usar. Orgulhosamente, trazia apoiado no ombro um taco de golfe qual um soldado carregando a baioneta. Estava com os olhos apertados como se olhasse para o sol. Myron examinou o rosto de Chad como se ele pudesse dar uma pista ou algum insight excepcional. Não deu.

– Quando você notou que seu filho tinha desaparecido?

Linda deu um olhar de relance para o pai, depois endireitou o corpo, erguendo a cabeça como se estivesse preparando-se para um golpe. Ela falou devagar.

– Chad está desaparecido há dois dias.

– Desaparecido? – Myron Bolitar, o Grande Inquisidor.

– Sim.

– Quando você diz desaparecido...

– Quero dizer exatamente isso – interrompeu ela. – Não o vejo desde quarta-feira.

– Mas o sequestrador só ligou hoje?

– Sim.

Myron ia começar a falar, parou, suavizou a voz. Vá devagar, Myron. Com muito tato.

– Você tem alguma ideia de onde ele estava?

– Imaginei que ele estivesse com seu amigo Matthew – respondeu Linda.

Myron balançou a cabeça como se aquela afirmação revelasse um brilhante insight. Assentiu novamente.

– Chad disse isso?

– Não.

– Então – continuou ele, tentando dar às palavras um tom trivial – há dois dias você não sabe onde seu filho está.

– Acabei de falar: achei que ele estivesse com Matthew.

– Você não ligou para a polícia.

– Claro que não.

Myron estava prestes a fazer mais uma pergunta, mas a postura dela fez com que reformulasse suas palavras. Linda aproveitou aquela indecisão. Ela andou

em direção à cozinha com desenvoltura e altivez. Myron a seguiu. Bucky pareceu acordar de um transe e foi atrás deles.

– Deixe-me ver se estou entendendo – disse Myron, agora com uma nova abordagem. – Chad sumiu antes do torneio?

– Exato. O Aberto começou na quinta-feira. – Linda abriu a porta da geladeira. – Por quê? Isso é importante?

– Isso elimina um motivo.

– Que motivo?

– Interferir no torneio – disse Myron. – Se Chad tivesse sumido hoje, quando seu marido tem essa grande vantagem, eu iria pensar que alguém queria diminuir suas chances de ganhar o Aberto. Mas dois dias atrás, antes do início do torneio...

– Ninguém apostaria um tostão furado em Jack – ela completou a frase. – Especialistas calculariam para ele uma chance em cinco mil. Na melhor das hipóteses. – Linda balançava a cabeça enquanto falava, percebendo a lógica. – Quer um pouco de limonada? – perguntou.

– Não, obrigado.

– Pai?

Bucky negou. Linda se inclinou, sumindo atrás da porta da geladeira.

– Tudo bem – disse Myron batendo as palmas das mãos, esforçando-se ao máximo para soar casual. – Já descartamos uma possibilidade. Vamos tentar outra.

Linda parou e olhou para ele. Segurava um jarro de vidro de quase quatro litros, suportando o peso com facilidade. Myron se perguntava como abordar a questão. Não havia nenhuma maneira fácil.

– Seu filho pode estar por trás disso?

– O quê?

– É uma pergunta óbvia considerando-se as circunstâncias.

Ela colocou o jarro numa bancada de madeira.

– O que você está querendo dizer? Você acha que Chad simulou o próprio sequestro?

– Eu não disse isso. Eu disse que queria verificar essa possibilidade.

– Fora daqui.

– Ele ficou dois dias desaparecido, e você não ligou para a polícia – disse Myron. – Uma conclusão possível é que haja certa tensão aqui. E que Chad já tenha fugido antes.

– Ou... – retrucou Linda, cerrando os punhos – você pode concluir que confiamos em nosso filho. Que damos um nível de liberdade compatível com seu nível de maturidade e responsabilidade.

Myron lançou um olhar a Bucky, que estava de cabeça baixa.

– Se é assim...

– É assim.

– Mas garotos responsáveis não dizem aos pais aonde vão? Quer dizer, só para que eles não se preocupem.

Linda pegou um copo com uma cautela excessiva. Ela o colocou na bancada e lentamente começou a enchê-lo de limonada.

– Chad aprendeu a ser muito independente. O pai dele e eu somos golfistas profissionais. Isso significa, sinceramente, que nenhum dos dois fica muito tempo em casa.

– O fato de vocês ficarem tanto tempo longe... – disse Myron. – Isso gerou algum conflito?

Linda balançou a cabeça.

– Isso não vai nos levar a nada.

– Estou só tentando...

– Ouça, Sr. Bolitar, Chad não está simulando nada. Sim, ele é um adolescente. Não, ele não é perfeito, e seus pais também não. Mas ele não simulou o próprio sequestro. E se o fez... eu sei que não, mas vamos supor que sim... então ele está em segurança e não precisamos de você. Se isso for uma espécie de farsa cruel, logo saberemos. Mas se meu filho está em perigo, seguir essa linha de raciocínio é uma total perda de tempo.

Myron fez um gesto de concordância. Ela tinha razão.

– Entendo – disse ele.

– Ótimo.

– Você ligou para o amigo dele quando soube do sequestro? O amigo com quem você achava que ele poderia estar?

– Matthew Squires. Sim.

– Matthew tinha alguma ideia de onde ele estava?

– Nenhuma.

– Eles são amigos íntimos, certo?

– Sim.

– Muito íntimos?

Ela franziu a testa.

– Sim, muito.

– Matthew liga muito para cá?

– Sim. Ou eles se falam por e-mail.

– Vou precisar do telefone de Matthew.

– Mas acabei de dizer que já falei com ele.

– Perdoe minha inconveniência. Tudo bem, vamos retroceder um pouco.
Quando você viu Chad pela última vez?

– No dia em que ele desapareceu.

– O que aconteceu?

Ela franziu a testa novamente.

– O que quer dizer com “o que aconteceu”? Ele foi para o curso de verão.
Desde então, não o vi mais.

Myron a examinou. Ela parou e lhe lançou um olhar um tanto duro. Alguma coisa ali não estava batendo.

– Você ligou para a escola para saber se ele esteve lá?

– Não pensei nisso.

Myron consultou o relógio. Sexta-feira. Cinco da tarde.

– Duvido que tenha alguém lá, mas tente. Você tem mais de uma linha telefônica?

– Sim.

– Não use a linha para a qual o sequestrador ligou. Não quero que ela esteja ocupada caso ele ligue de novo.

Ela assentiu.

– OK.

– Seu filho tem cartões de crédito, cartões de banco ou coisas do tipo?

– Sim.

– Vou precisar de uma lista. E dos números, se você os tiver.

Ela tornou a concordar.

– Vou falar com um amigo para ver se ele consegue instalar um identificador de chamadas – continuou Myron. – Para quando o sequestrador ligar. Chad tem um computador, certo?

– Sim – respondeu ela.

– Onde ele fica?

– Lá em cima, no quarto dele.

– Vou mandar tudo que há nele, via modem, para meu escritório. Tenho uma assistente chamada Esperanza. Ela vai passar um pente-fino para ver se acha alguma coisa.

– Que tipo de coisa?

– Francamente, não tenho a menor ideia. E-mails. Mensagens instantâneas. Redes sociais de que ele participa. Qualquer coisa que possa nos dar uma pista. Não é um processo muito científico. Você vasculha um monte de material, e talvez alguma coisa leve a uma pista.

Linda refletiu por um instante.

– Tudo bem.

– E quanto à senhora, Sra. Coldren? Tem algum inimigo?

Ela deu um meio sorriso.

– Eu sou a golfista número um do mundo. Isso faz com que eu tenha um monte de inimigos.

– Alguém que possa estar fazendo isso?

– Não. Ninguém.

– E quanto ao seu marido? Alguém que o odeie a esse ponto?

– Jack? – Ela forçou uma risadinha. – Todo mundo adora o Jack.

– O que isso significa?

Ela apenas balançou a cabeça, sem dar importância a ele.

Myron fez mais algumas perguntas, mas havia pouco para investigar. Ele perguntou se podia ir ao quarto de Chad, e ela o levou ao andar de cima.

A primeira coisa que Myron viu ao abrir a porta foram os troféus. Muitos troféus. Todos de golfe. A figura de bronze no alto de cada peça era sempre um homem na posição de quem acaba de dar uma tacada, o taco acima do ombro, a cabeça erguida. Alguns homenzinhos estavam de boné. Outros tinham cabelos curtos e ondulados. Havia dois sacos de golfe de couro no canto direito, ambos atulhados ao máximo com tacos. Fotografias dos papas do golfe Jack Nicklaus, Arnold Palmer, Sam Snead, Tom Watson forravam as paredes. Exemplares de *Golf Digest* estavam espalhados pelo chão.

– Chad joga golfe? – perguntou Myron.

Linda limitou-se a olhar para ele. Os olhos de Myron encontraram com os dela, e ele assentiu sabiamente.

– Minha capacidade de dedução... – começou. – Ela intimida muita gente.

Ela quase sorriu. Myron, Mestre em Aliviar Tensões.

– Vou tentar me acostumar ao seu humor – disse ela.

Myron se aproximou dos troféus.

– Ele joga bem?

– Muito bem. – Ela se voltou de repente e ficou de costas para o quarto. – Você precisa de mais alguma coisa?

– Por enquanto não.

– Vou descer.

Ela não esperou a aprovação dele.

Myron andou pelo quarto. Ele checkou a secretária eletrônica de Chad. Três mensagens. Duas de uma garota chamada Becky. Ela parecia ser muito amiga dele. Estava ligando só para dizer, tipo, para ver se ele queria, tipo, fazer alguma coisa naquele fim de semana, saca? Ela, Millie e Suze iam, tipo, dar uma chegada

no Heritage, certo, e se ele quisesse ir, bem, sabe, mil coisas. Myron sorriu. O tempo passava, mas as palavras dela podiam ter sido ditas por uma colega dele do ensino médio ou por uma colega do pai dele ou do pai de seu pai. O ciclo das gerações. A música, os filmes, a linguagem, a moda – essas coisas mudam. Mas são apenas estímulos externos. Por trás das calças e dos cortes de cabelo da moda, os mesmos medos, necessidades e sentimentos de inadequação adolescentes mantinham-se assustadoramente constantes.

O último telefonema era de um cara chamado Glen. Ele queria saber se Chad topava jogar golfe no “Pine” no fim de semana, já que o Merion não estava disponível por causa do torneio. “Papai pode descolar um *tee* para nós, não tem problema”, garantiu a voz gravada, num inconfundível tom de colegial.

Não havia mensagens de Matthew Squires, o amigo íntimo de Chad.

Ele ligou o computador e abriu o gerenciador de e-mails de Chad. Dezenas de mensagens apareceram automaticamente. Myron verificou a lista de contatos de Chad e achou o endereço de e-mail de Matthew Squires. Ele passou os olhos pelas mensagens recebidas. Nenhuma era de Matthew.

Interessante.

Naturalmente, era bem possível que Matthew e Chad não fossem tão íntimos como pensava Linda Coldren. Era bem possível também que, ainda que fossem, Matthew não tivesse se comunicado com o amigo desde quarta-feira – mesmo que seu amigo tivesse desaparecido sem avisar. Acontece.

Ainda assim, era interessante.

Myron pegou o telefone de Chad e apertou o botão de rediscagem. Depois de quatro toques, ele ouviu uma gravação: “Você ligou para Matthew. Deixe um recado, ou não. Você decide.”

Myron desligou sem deixar recado (afinal de contas quem decidia era ele). Humm. O último telefonema de Chad foi para Matthew. Isso podia ser importante. E também podia não ter nada a ver. De qualquer forma, Myron avançava rapidamente para lugar nenhum.

Ele pegou o telefone de Chad e ligou para seu escritório. Esperanza atendeu depois do segundo toque.

– MB Representações Esportivas.

– Sou eu. – Ele a inteirou dos acontecimentos.

Esperanza Diaz trabalhava na MB Representações Esportivas desde a sua fundação. Uma década antes, quando Esperanza tinha apenas 18 anos, era a Rainha das Manhãs de Domingo na TV. Não, ela não apresentava nenhum comercial, embora seu programa concorresse com um monte deles, principalmente aquele do aparelho para exercícios abdominais que tem uma semelhança impressio-

nante com um instrumento medieval de tortura. Esperanza havia sido uma lutadora profissional apelidada de Pequena Pocahontas, a Princesa Indígena. Com seu pequeno corpo ágil vestido apenas com um biquíni de camurça, ela foi eleita três anos seguidos a mais popular da Associação Nossas Incríveis Lutas (ANIL) – ou, como o prêmio era mais conhecido, A Gata Que Você Mais Gostaria de Pegar de Jeito. Apesar disso, Esperanza não perdeu a humildade.

Quando Myron terminou de falar sobre o sequestro, as primeiras palavras de Esperanza foram de incredulidade:

– Win tem mãe?

– Sim.

Pausa.

– Lá se vai minha teoria de que ele tinha nascido de um ovo satânico.

– Ha-ha.

– Ou de que tinha sido chocado num experimento muito malsucedido.

– Você não está ajudando em nada.

– Ajudar em quê? – retrucou Esperanza. – Eu gosto de Win, você sabe disso.

Mas o rapaz é... como é mesmo o termo psiquiátrico oficial?... aloprado.

– Esse aloprado já salvou sua vida.

– Sim, mas você se lembra como foi.

Myron se lembrava. Um beco escuro. A chuva de balas disparadas por Win. Fragmentos de cérebro espalhando-se por toda parte feito confete. Típico de Win. Eficiente mas exagerado. Como esmagar um inseto com uma bola de demolição.

Esperanza quebrou o longo silêncio.

– Como eu já disse – começou ela suavemente –, aloprado.

Myron queria mudar de assunto.

– Algum recado?

– Um milhão, mais ou menos. Mas nada urgente. – Então ela perguntou:

– Você já encontrou com ela?

– Quem?

– Madonna! – respondeu Esperanza com rispidez. – Quem mais poderia ser?

A mãe de Win.

– Uma vez – disse Myron, rememorando.

Havia mais de dez anos. Ele e Win estavam jantando no Merion. Na ocasião, Win não falou com ela. Mas ela falara com ele. A lembrança fez Myron morrer de vergonha de novo.

– Você já contou essa história a Win?

– Não. Alguma sugestão?

Esperanza refletiu por um instante.
– Fale por telefone. A uma distância segura.

capítulo 3

ELES NEM PRECISARAM esperar muito.

Myron ainda estava na salinha dos Coldren com Linda quando Esperanza retornou a ligação. Bucky voltara para o Merion a fim de buscar Jack.

– O cartão do garoto foi usado ontem às 18h18 – disse Esperanza. – Ele sacou 180 dólares. Numa agência do First Philadelphia, na Porter Street, zona sul da cidade.

– Obrigado.

Informação desse tipo não é difícil de conseguir. Qualquer um com o número de uma conta pode muito bem fazer uma ligação fingindo ser o titular. E ainda que não tenha o número, qualquer indivíduo que tenha trabalhado na polícia tem os contatos, os números de acesso ou pelo menos recursos para pagar à pessoa certa. Não é preciso muito mais que isso; não com a atual onipresença da tecnologia. A tecnologia fez mais do que despersonalizar; ela escancarou a nossa vida, nos invadiu, eliminou toda e qualquer pretensão de privacidade.

Basta apertar algumas teclas para revelar tudo.

– O que foi? – perguntou Linda.

Ele contou.

– Isso não significa necessariamente o que você está pensando – disse ela. – O sequestrador talvez tenha obtido a senha do próprio Chad.

– Talvez – repetiu Myron.

– Mas você não acredita nisso, não é?

Ele deu de ombros.

– Digamos que estou meio cético.

– Por quê?

– A quantia, por exemplo. Qual é o limite de Chad?

– Quinhentos dólares por dia.

– Então por que um sequestrador iria sacar apenas 180 dólares?

Linda refletiu por um instante.

– Se ele sacasse muito, alguém poderia desconfiar.

Myron franziu a testa.

– Mas se o sequestrador fosse tão cauteloso – ponderou ele –, por que se